

**GEOGRAFIA DE PORTUGAL**  
**(O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH, S. DAVEAU)**  
**O QUARTO VOLUME**

CARLOS ALBERTO MEDEIROS (8)

Nada haverá que acrescentar ou modificar em relação ao que deixei escrito genericamente sobre os três primeiros volumes desta obra (9): a mesma organização dos vários capítulos, onde se incluem sucessivamente trechos do livro de HERMANN LAUTENSACH (1932-37) (10), do de ORLANDO RIBEIRO (1955) e as observações e actualização de SUZANNE DAVEAU; o grande interesse e a flagrante pertinência da divulgação, pela primeira vez em língua portuguesa, dos trabalhos daqueles dois géógrafos (11), cuja sequência conhece agora ligeiros e justificados ajustamentos, em função da estrutura de conjunto adoptada para a obra; a profundidade e a riqueza de informação do texto de DAVEAU,

- 
- (8) Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, colaborador do Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa, 1699 Lisboa Codex, Tel:(351-1) 794 02 18, Fax:(351-1) 793 86 90
- (9) Vejam-se as recensões publicadas nos números 46 (1988) e 50 (1990) desta revista, p.309-316 e 349-353.
- (10) Trata-se essencialmente do tomo I (1932), a que se juntam dois excertos do tomo II, publicado em 1937.
- (11) Ainda que algumas páginas de RIBEIRO sejam reproduzidas da sua obra, muito conhecida, e de que saíram diversas edições, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.

assente no seu rigoroso conhecimento do país e no aproveitamento de bibliografia muito ampla e diversificada.

O quarto volume da **Geografia de Portugal** tem por título **A Vida Económica e Social** <sup>(12)</sup> e está dividido em quatro capítulos: seguindo a ordem dos que se incluem nos volumes anteriores, sucedem-se assim o X, sobre "O Campo", o XI, sobre "O Litoral", o XII, relativo a "Indústria, Serviços, Relações com o Exterior", e o XIII, onde se estuda "A Organização Regional".

Ainda que situados num intervalo, não muito alargado, de seis décadas, os contributos dos autores, escritos em diferentes anos, exprimem, talvez mais que nos outros volumes, contextos diversificados, enquadrados por uma evolução progressivamente acelerada: o país essencialmente rural que LAUTENSACH estudou, mantinha-se ainda, sem alterações muito significativas, nos meados dos anos 50, mas as suas estruturas económicas tinham-se modificado radicalmente na altura em que DAVEAU escrevia as páginas que agora nos são apresentadas. Apesar disto, como reconhece esta autora (p.XI), o livro acabou por ficar marcado pelo grande desenvolvimento concedido aos temas relacionados com o "campo" (cap.X, p.945-1111). A própria extensão dos textos de LAUTENSACH e RIBEIRO justifica a dos seus comentários e actualização, para os quais teve à disposição numerosos trabalhos de índole variada, indiciadores do interesse que os geógrafos portugueses continuaram a dispensar ao assunto, consagrando-lhe parte relevante da sua produção. Subjacentes à concepção deste capítulo estão igualmente a ideia de que a superfície destinada às actividades rurais é, de longe, a mais extensa, e a noção das profundas transformações que nestas se têm também verificado. De resto LAUTENSACH escreveu numa altura em que progredia ainda o alargamento da área cultivada, ao passo que RIBEIRO teve já ocasião de criticar exageros havidos nesse alargamento (p.1024, por exemplo). Mas as grandes modificações viriam mais tarde: a mecanização crescente e a diminuição da população activa do sector primário, a difusão de novas espécies, a redução da superfície ocupada por muitas das que se cultivam no nosso país, a expansão das formas de agricultura a tempo parcial, o incremento e as novas modalidades de criação do gado bovino, a tentativa de remodelação das estruturas fundiárias no Alentejo, através duma "reforma agrária"

---

(12) Geografia de Portugal, por ORLANDO RIBEIRO e HERMANN LAUTENSACH, organização, comentários e actualização de SUZANNE DAVEAU, volume IV, A Vida Económica e Social, Edições João Sá da Costa, Lisboa 1991 (XIII + p.945 a 1340, figs. 202 a 296, tabelas 27 a 42).

cedo abortada, o aumento da área florestal, que já se verificava nos anos 50 e cujo âmbito não está esgotado, as primeiras incidências da adesão à Comunidade Europeia, que se começam a registar ou incertamente se antevêm... Estes vários tópicos são objecto de análise atenta por parte de DAVEAU, do mesmo modo que outros grandes temas da geografia rural, com saliência para a investigação histórica relacionada com este domínio e para os contrastes regionais, tão sensíveis em Portugal.

É, porém, nos capítulos XI (p.1113-1154) e XII (p.1155-1228) que se vislumbram as transformações mais significativas no âmbito da geografia humana portuguesa: torna-se então sensível o contraste entre os quadros estáveis, bem precisos, que nos apresentam LAUTENSACH e RIBEIRO, e o contexto de mudanças que, depois, se sucederam rapidamente. Os dois autores referidos, no capítulo sobre o litoral, debruçam-se essencialmente sobre a pesca e a extracção do sal, para além de considerações mais gerais sobre a influência do oceano na ocupação humana da terra portuguesa. DAVEAU considera, não só aquela actividade, mas também as implantações portuárias, naturalmente relacionadas com o comércio, e o turismo que, no litoral, encontra os seus locais de eleição, e cujo surto, a partir dos anos 60, assumiu as proporções consideráveis que são bem conhecidas.

O capítulo XII intitula-se, como ficou referido, "Indústria, Serviços, Relações com o Exterior". Inclui as curtas referências que LAUTENSACH e RIBEIRO dedicaram à economia portuguesa. Tanto um, como o outro as consideravam indispensáveis num estudo geográfico, mas como simples complemento sucinto que, na forma mais clara e bem sistematizada, expressa pelo segundo autor, englobava três temas básicos, relativos aos produtos da terra, à indústria e ao comércio externo. Apenas duas páginas são dedicadas por LAUTENSACH à indústria, pouco mais de três por RIBEIRO: decerto, porque esta actividade apresentava escasso desenvolvimento em Portugal, na altura em que foram escritas; mas também porque, segundo concepção bem generalizada, se consideravam pouco relevantes as marcas que deixava impressas na paisagem e o seu significado como factor da organização do espaço. É curiosa, neste capítulo, a atitude de LAUTENSACH, ao aludir a uma desfavorável "atitude psicológica dos portugueses em relação às actividades económicas", como factor do seu atraso (p.1161). Reconheça-se que estamos em presença dum rumo de interpretação aliciante, que se articula com as considerações do autor sobre "a

psicologia social do povo português" (13), mas se revela extremamente arriscado; com pertinência comenta DAVEAU que o "desleixo" português é "invocado de maneira um pouco simplista por LAUTENSACH, geralmente bem mais cauteloso nas apreciações" (p.1196).

Como bem se compreende, é particularmente importante e significativa neste capítulo a actualização elaborada por DAVEAU, que nos coloca perante uma realidade geográfica substancialmente diferente e agitada por constantes factores de mutação. Muitos leitores apreciariam, decerto, que a esta matéria tivesse sido dado maior desenvolvimento.

No capítulo XIII, sobre a organização regional (p.1229-1294), o texto de LAUTENSACH é uma pequena introdução à análise das várias regiões, apresentada com minúcia no segundo volume da sua obra (1937), o qual, na sua quase totalidade, permanece inédito em português. RIBEIRO fornece-nos, em páginas de apurada beleza literária, a descrição das regiões que individualizou, em larga medida com "fundamento" nas "condições naturais" e na "expressão da paisagem rural, que em grande parte ainda se ajusta a elas" (14)(p.1242). DAVEAU, para além de tratar da evolução das divisões regionais de Portugal, apresenta-nos uma súpula das principais monografias elaboradas e as tendências metodológicas recentes, em confronto com a problemática da regionalização do país, tão debatida nos nossos dias.

Como ficou dito no início, os textos reunidos no volume agora publicado, evidenciam, de modo salutar, a diversidade de situações com que os seus autores foram confrontados, mas também a dos instrumentos de trabalho disponíveis, e a das próprias concepções quanto à elaboração e apresentação das matérias. Verificaram-se - ficou já devidamente sublinhado - grandes transformações na geografia humana de Portugal. Mas, em conjunturas diferenciadas, o modo de apreciar determinados fenómenos também se modificou. É assim que RIBEIRO encara com simpatia, como " prova de vitalidade e energia ", a emigração, fenómeno de tão avultadas proporções (p.1191; ver também p.1265 e, no terceiro volume, p.768-769). DAVEAU, mais tarde, depois de ter começado tardiamente " o

---

(13) Incluídas no capítulo VII desta obra, volume III, p.640-643

(14) Era este o critério que considerava mais pertinente, ao publicar este texto em 1955, "num país onde se mantém, em grande parte, a estrutura agrária tradicional, onde as indústrias se encontram pouco desenvolvidas e, no geral, pouco disseminadas, a vida rural continua a ser um dos fundamentos essenciais da economia e moderada a atracção das principais cidades" (p.1242).

desenvolvimento industrial de Portugal (...), nos anos 60 ", comenta o mesmo fenómeno com base nas suas implicações económicas e no significado que, perante estas, assume: "a timidez e o atraso deste primeiro arranque explicam que a indústria não tenha conseguido reter grande parte da mão-de-obra superabundante do campo, que tomou o caminho da emigração " (p.1204).

Entretanto, as fontes estatísticas difundidas melhoraram consideravelmente ao longo das seis dezenas de anos em que foram escritos os textos, o que permitiu, como é óbvio, precisar os fenómenos estudados e enriquecer muito a sua análise. Se DAVEAU ainda fala " da mediocridade das estatísticas portuguesas, do atraso da sua publicação " (p.1228), vale a pena ponderar, entre outros, os laboriosos cálculos e observações de LAUTENSACH para avaliação de pousios e áreas cultivadas (p.975-976), o que permite fazer uma ideia de algumas das dificuldades que então se colocavam aos geógrafos.

Perante a rica substância deste volume, pouco significa alguma sugestão (mais do que reparo ou crítica) que se possa expressar. Citarei apenas um ponto: a vantagem que haveria em tornar mais frequentes notas de comentário ou, quando necessário, de rectificação, em relação a **trechos preciosos** do livro <sup>(15)</sup>; veja-se, como exemplo bem conseguido, a nota 75 (reproduzida na p.1300), em relação ao texto de LAUTENSACH do cap.X, p.978. Por vezes, os próprios autores rectificaram pontos de vista ou até simples pormenores, o que teria sido fácil mencionar. No texto de RIBEIRO encontra-se alusão ao milho, que, pouco depois de 1525, "já se encontra no termo de Lamego, onde a cultura das canas e o tamanho das espigas e dos grãos são descritos como coisa nova " (p.1004). Essa alusão já não se encontra na 4ª edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1986, p.115), e no IV volume dos *Opúsculos Geográficos* ("O Mundo Rural ", 1991, p.196) o autor explica o seu lapso <sup>(16)</sup>.

O IV volume da *Geografia de Portugal* contém ainda um "Índice Temático e Locativo", que se refere ao conjunto da obra e constitui elemento de grande utilidade. Fica assim completo este livro, obra de três notáveis geógrafos do nosso tempo, mas cuja concretização se deve fundamentalmente ao empenho e saber de DAVEAU. Acolhido com o maior entusiasmo pela crítica, no país e no estrangeiro,

---

(15) Isto, sem esquecer as observações de conjunto, incluindo correcções e críticas, com que se iniciam os textos de DAVEAU.

(16) Reprodução dum artigo publicado no Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol.III, Lisboa, 1968.

apresenta-nos, em relação ao território continental português, um leque completo dos temas que a Geografia comporta, tratados com rigor científico e actualização estatística e bibliográfica. De consulta imprescindível para os estudiosos destes assuntos, não admira a larga difusão que, ao mesmo tempo, tem tido entre um público bem mais vasto.